

# ANTOLOGIAS E LEITORES NO SÉCULO XVI PORTUGUÊS

Os testemunhos de André Rodrigues Eborensis (1498-1573)  
e de Jorge Ferreira de Vasconcelos (1515?-1585)

---

*Maria do Rosário* LAUREANO SANTOS

**ABSTRACT** • *Anthologies and readers in the 16th century in Portugal: Accounts from André Rodrigues Eborensis (1498-1573) and Jorge Ferreira de Vasconcelos (1515?-1585).* The anthologies have remained in Western culture from the Antiquity to the present day. In the Middle Ages, the maxims and *sententiae* of the Greek and Latin authors were compiled into anthologies, which have circulated among the clergy, in the court, or in the universities. After the removal from their original context, the maxims were grouped into new thematic organizations and have gained a broader and universal sense. In the 16<sup>th</sup> century, the anthologies, that could have an individual or collective use, were books used for reading or just for consulting within different purposes, whether for personal enjoyment, for schooling, or yet to help the writer in his function. In this paper, our aim is to reflect on the use of the anthologies of two Portuguese authors of the 16th century: André Rodrigues Eborensis (1498-1573) and Jorge Ferreira de Vasconcelos (1515?-1585).

**KEYWORDS** • anthologie, maxim, *sententia*, Portuguese literature (16<sup>th</sup> century).

**A SIMBOLOGIA** das flores é das mais antigas da história do homem e surge desde sempre associada à literatura, num conceito lato. A flor é símbolo de beleza, de perfeição, de amor, de glória, de alegria, de simplicidade, de pureza, e num contexto religioso de entrega à divindade, de evolução espiritual da própria alma. A flor é também um símbolo feminino, ligado à água, à Lua, à criação, à fertilidade e ao nascimento e a presença das flores na literatura, em contexto real ou metafórico, é uma constante.

Foi um poeta grego do séc. I a. C., de nome Meleagro, o primeiro de que há notícia a compilar uma colectânea de epigramas, a que deu o nome sugestivo de *Grinalda*, coroa de flores. Também no séc. I d. C., Plutarco de Queroneia reuniu as máximas de figuras notáveis de Esparta nos *Apophthegmata Laconica*.

O substantivo grinalda, antigamente guirlanda (até 1300), da família de guarnir, guarnecer, enfeitar está presente na língua portuguesa desde o século XVI e atestado em Camões<sup>1</sup>.

Com um sentido semelhante, também desde o século XVI, está presente no nosso léxico o vocábulo antologia no sentido de recolha de flores, com etimologia grega mas proveniente do francês. Ainda com o mesmo sentido, surge no século XVIII, de etimologia latina, mas também a partir do francês, o substantivo florilégio significando recolha de flores.

---

<sup>1</sup> Camões, *Lusíadas* VI, 86, 87.

As grinaldas, antologias ou florilégios permaneceram na cultura ocidental em contínuo da Antiguidade até aos nossos dias. Na Idade Média, as máximas ou sentenças de autores gregos e latinos eram compiladas em antologias, que circulavam entre os membros do clero, na corte ou nas universidades. As sentenças eram retiradas do seu contexto original e inseridas em antologias, nas quais ficavam desprovidas do seu sentido primitivo, mas adquiriam outro mais lato, mais abrangente, com uma nova organização temática. As antologias podiam ter uma utilização individual ou colectiva e eram usadas como obras de leitura ou de consulta para diferentes fins, quer para deleite pessoal, para formação escolar, quer ainda para auxílio do escritor. Nesta última acepção, auxiliar do escritor, as antologias vão ter um lugar proeminente no século XVI.

Em 1500, Erasmo de Roterdão (Erasmo 1564-1566) publicou em Paris os *Adágios* (*Adagia*), uma antologia cerca de 800 máximas e provérbios da antiguidade clássica, em conjunto com notas a respeito da proveniência e significado das mesmas. Esta obra foi muito apreciada pelos humanistas e classicistas de tal forma que a segunda edição, de 1508, já revista e aumentada, continha cerca de 4000 máximas. A estas edições seguiram-se outras, bem como muitas imitações. Neste sentido, as antologias obtiveram grande sucesso a partir do séc. XVI e foram também muitos os autores que as utilizaram para a elaboração das suas obras.

Um dos seguidores de Erasmo foi um autor português, André Rodrigues Eborense<sup>2</sup>, que editou em 1557 as *Sententiae & Exempla* (Eborense 1557) uma obra que obteve um grande sucesso no seu tempo. Os dicionários bibliográficos portugueses, que não registam todas as edições da obra, revelam que se publicou pela primeira vez em Coimbra, no ano de 1554, e foi impressa na mesma cidade em 1567 e 1569, e em Leão, em 1557; foi também dada à estampa em Paris em 1580, 1588 e 1635; em Colónia, em 1593, 1600 e 1601; e em Veneza, nos anos de 1572, 1579, 1585, 1586. As edições sucessivas da obra são reveladoras do interesse que despertou não só em Portugal, mas também na Europa.

Como o próprio título indica, trata-se de uma antologia que contém a compilação de sentenças e máximas recolhidas nos principais autores, poetas e prosadores, latinos e gregos, pagãos e cristãos, de entre as quais destacamos as que se referem ao tema da amizade, recolhidas em parte do *De Amicitia* de Cícero, mas ainda retiradas de outras fontes, inclusivamente do *De Finibus* e do *De Natura Deorum*, do mesmo autor.

De mérito reconhecido também em Portugal, a obra foi oferecida ao futuro rei D. Sebastião para seu uso e formação, numa versão mais reduzida e adaptada (Eborense 1988), por ocasião do seu nascimento em 1554. As edições sucessivas e repetidas em diferentes cidades europeias fizeram com que esta obra ocupasse um lugar de destaque nas bibliotecas do tempo.

Um dos utilizadores que divulgou as *Sententiae & Exempla* de André Rodrigues Eborense XVI foi precisamente o Padre Mateus Ricci, membro da Companhia de Jesus<sup>3</sup>, um dos pioneiros das missões católicas na China, para onde se dirigiu em 1583. Mateus Ricci foi um homem de grande cultura e inteligência, com uma formação académica vasta e diversificada; foi conhecedor da língua e da cultura chinesas, inovador nos métodos de ensino e de cristianização, e legou-nos uma obra escrita em italiano, latim e chinês. A sua primeira obra escrita em chinês

---

<sup>2</sup> André Rodrigues Eborense nasceu em Évora, em 1498 e morreu 1573; era segundo filho do físico-mor Tomás da Veiga, e foi profundo conhecedor dos textos profanos e sagrados. É muitas vezes confundido com André de Resende, por ser também natural de Évora e por este ser um humanista muito mais conhecido.

<sup>3</sup> Matheus Ricci, S. J., nasceu em Macerata (Itália), em 1552 e morreu em Pequim, em 1610. Foi uma personalidade notável da cultura ocidental, cuja presença no Oriente se tornou marcante e decisiva para as relações políticas, culturais e religiosas entre ambas as partes. Foi precursor da evangelização na China e, por este motivo, ficou também conhecido por Li Mǎdòu.

foi o *Tratado sobre a Amizade*<sup>4</sup>, dedicado ao príncipe Jian'an, Qian Zhai e escrito a pedido deste. Ao escrever o tratado, que também obteve grande sucesso, Mateus Ricci procurou fazer a ponte entre o ocidente e o oriente, mostrando que os valores morais, religiosos e culturais que unem as duas culturas são universais<sup>5</sup>.

O *Tratado sobre a Amizade* inclui a selecção de cem sentenças e máximas de autores ocidentais da antiguidade, gregos, latinos e cristãos, bem como orientais, como Confúcio. Porém, a principal fonte do tratado são as *Sententiae & Exempla* de André Rodrigues Eboense; de facto, das cem sentenças contidas no Tratado, mais de metade foram retiradas da obra do autor português (veja-se Ricci 2010: 18).

Outro autor que podemos citar no séc. XVI, dentro do contexto da utilização das antologias, é Jorge Ferreira de Vasconcelos (1515?-1585). Legou-nos uma obra diversificada, da qual se destacam três comédias em prosa, a *Comédia Eufrosina*, a *Comédia Ulissipo* e a *Comédia Aulegrafia*. Em todas as obras se nota a utilização de antologias para diferentes fins, utilizámos no entanto a *Ulissipo* para exemplificar este recurso.

A *Comédia Ulissipo* (anterior a 1561-1618, 2.<sup>a</sup> edição; v. Laureano Santos 2007), escrita em português, castelhano e latim, é um texto ímpar na cultura portuguesa, com características próprias e inovadoras, embora pouco conhecido nos nossos dias. Trata-se de uma obra que actualiza o conhecimento da literatura no século XVI em Portugal, e que o reflecte, conciliando a tradição e a novidade. Neste sentido, trata-se de um texto verdadeiramente original, que se liberta dos cânones literários reconhecidos no tempo. Pensa-se que a primeira edição desta comédia foi publicada no ano de 1561 ou um pouco antes, porque a obra foi retirada de circulação no mesmo ano da edição *princeps* por ordem do Santo do Santo Ofício, devido à acérrima sátira social e religiosa apresentada pelo autor, que se revela também seguidor de Erasmo. A obra foi então incluída no rol de livros proibidos, mandado publicar pelo Cardeal D. Henrique. Desta primeira edição, não se conhece nenhum exemplar.

Marcados pela pena severa do Santo Ofício, obra e autor pareciam votados ao esquecimento. Mas, em 1618, foi publicada de novo a *Comédia Ulissipo*, a primeira edição que chegou até nós, tendo sido feitas as transformações necessárias para tal. A iniciativa para esta nova publicação foi tomada pelo genro do autor e a pedido dos leitores, que reconheciam o mérito e a utilidade da obra, visto que provocava vivamente o debate de ideias sociais, políticas e religiosas. Era destinada a um público de elite, erudito e, se bem que o texto apresente a estrutura do género dramático, revela-se contudo mais adequado à leitura em privado do que à representação pública.

O texto da *Comédia Ulissipo* revela diferentes influências literárias que a caracterizam ao mesmo tempo como uma obra própria de época renascentista e a individualizam com traços específicos singulares, marcantes da sociedade portuguesa. A acção decorre na cidade de Lisboa e está centrada na família de Ulissipo e nas relações familiares e sociais dos seus membros. Assim, personagem principal e cidade são identificadas com o mesmo nome, marcando a intenção do autor de as associar num plano mais alargado, onde os pequenos núcleos vão caracterizar toda a sociedade lisboeta do tempo, exemplo e imagem da sociedade portuguesa e, se não se fizer somente uma leitura de superfície, revela-se muito mais importante o subtexto. Trata-se de uma obra complexa, muito interessante e muito rica, reveladora do quotidiano quinhentista da cidade de Lisboa, que pode ser analisada em diversas perspectivas: histórica, sociológica, literária, linguística. É muito rico o léxico da *Comédia Ulissipo*, que é registado como fonte dos dicionários portugueses desde o de Rafael Bluteau.

<sup>4</sup> Existem duas edições, publicadas recentemente, d'O *Tratado sobre a Amizade* de Mateus Ricci: a americana de Timothy Billings e a segunda edição italiana de Filippo Mignini, veja-se na bibliografia, respectivamente: Ricci 2009 e Ricci 2010.

<sup>5</sup> Sobre este assunto, veja-se ainda Laureano Santos (2012).

Na elaboração desta obra, o recurso a antologias está presente por exemplo nas referências textuais dos autores antigos, nos provérbios e nos nomes das personagens. Os exemplos e sentenças dos autores surgem frequentemente no texto como garante ou remate o pensamento do autor, e também como marca de erudição. Os nomes próprios Vénus, Juno, Mercúrio, Homero, Sócrates, Platão, Menandro, Terêncio, Cícero, Horácio, Séneca, Juvenal, Vitruvius, Alexandre Magno, Cipião, muitas vezes citados, conferem autoridade ao texto só por si; porém, são também evocados na peça a cada passo, a propósito de exemplos e sentenças, bem como os exemplos da história romana, que os leitores/espectadores do tempo reconheceriam com facilidade. Estes exemplos e sentenças, muitas vezes abonatórios de erudição, eram retirados de selectas que circulavam nos meios literários, como a *Officina* de Ravísio Textor (Textor 1600) ou os *Aphrothegmata Laconica* de Plutarco de Queroneia<sup>6</sup>.

Também o uso de provérbios e anexins, em português e castelhano, presente com muita frequência no texto e sempre a propósito, enriquece a obra dando-lhe uma feição quotidiana e popular. Os adágios e anexins, em língua vernácula estavam muito em voga na península ibérica, como demonstram as diversas compilações do tempo<sup>7</sup>.

Os nomes das personagens têm por étimo alguns já utilizados por autores antigos, como Glicéria<sup>8</sup>, outros, sendo de matriz clássica, foram frequentemente atribuídos pelo Autor de acordo com o desempenho de cada uma na peça. É o caso de Costança d'Ornelas, de Ulissipo, de Parasito, de Crisófilo, Grácia, Florença. Costança, por exemplo, proveniente do substantivo latino *constantia*, significa firmeza, constância, identificando o firme propósito da personagem de levar a cabo os projectos amorosos dos jovens sem o conhecimento dos pais; Florença, um outro exemplo, provém da forma neutra do particípio presente da forma verbal *florere*, significando, que floresce, na flor da idade, uma vez que se reporta a uma jovem, personagem principal, cujo destino delineado na peça apresenta um final feliz.

As antologias ou florilégios foram essenciais quer na concepção, quer sobretudo na composição da *Comédia Ulissipo*, principalmente como auxiliares do escritor, modelo seguido pelos autores do tempo. As máximas, sentenças e provérbios recolhidas destas selectas foram utilizadas em novos contextos, com os objectivos já acima referidos: abonar a erudição do autor, confirmar ou terminar o seu pensamento.

Se, por um lado, as antologias descontextualizam o texto primitivo em que se inseriam as sentenças, por outro abrem campo a novos temas e a outros contextos, com um sentido mais amplo, de carácter universal, que é transversal a todas as épocas. E deste modo, as grinaldas, as antologias, os florilégios, de efémeros e transitórios, tornam-se permanentes e intemporais.

## BIBLIOGRAFIA

### A. Bibliografia primária

Eborensis Lusitanum, A. Rodrigues (1557), *Sententiae, & exempla / ex probatissimis quibusque scriptoribus collecta, & per locos communes digesta per (...). Et ne oneroso volumine grauaetur lector, totum opus in duos diuisum est tomos: quorum alter sententias, alter exempla refert*, Lugduni, apud Theobaldum Paganum.

<sup>6</sup> Esta obra de Plutarco encontra-se disponível em grego, bem como em tradução inglesa, no sítio-web *Perseus* (v. Bibliografia).

<sup>7</sup> Veja-se, por exemplo: Correias 2000.

<sup>8</sup> Glicéria é o nome de uma personagem feminina de *A moça que veio de Andros*, de Terêncio. (Veja-se: Terêncio 1988).

---

Eborensis, A. Rodrigues (1988<sup>2</sup>), *Sentenças para a ensinaça e doutrina do príncipe Dom Sebastião / (...)*, introd. de L. de Matos, nota prévia, transcrição e notas de A. Pinheiro e A. Rita, Lisboa, Banco Pinto & Sotto Mayor.

### B. Bibliografia secundária

- Correas, G. (2000), *Vocabulario de Refranes y Frases Proverbiales*, Edição de Louis Combet, revisada por R. Jammes e Maité Mir-Andreu, Madrid, Editorial Castalia.
- Erasmus, D. (1564-1566), *Adagiorum D. Erasmi Roterodami epitome. Ex nouissima chiliadum recognitione excerpta, Antuerpiae*, ex officina Christophori Plantini.
- Laureano Santos, M.R. (2012), «*Em torno do Trattato sull'Amicizia de Matheus Ricci*», in P. Ceccucci (coord.), *Macau e o Oriente nas Literaturas de Língua Portuguesa – Receios e Seduções*, Atas do Congresso Internacional “Quarto Centenario della Morte di Padre Matteo Ricci (1552-1609)”, Roma, Società Editrice Dante Alighieri, pp. 33-38.
- Laureano Santos, M.R.C. (2007), *A Comédia Ulissipo de Jorge Ferreira de Vasconcelos. Estudo e Edição Crítica*. Lisboa, [s. n.] Tese apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do grau de Doutor.
- Plutarco, *Apophthegmata Laconica* [O texto encontra-se disponível no sítio-web *Perseus* em <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:2008.01.0195>>, <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:2008.01.0197>>].
- Ricci, M. (2009), *On Friendship, One Hundred Maximes for a Chinese Prince*, ed. T. Billings, New York, Columbia University Press.
- Ricci, M. (2010<sup>2</sup>), *Dell'amicizia*, ed. F. Mignini, Macerata, Quolibet.
- Terêncio (1988), *A moça que veio de Andros*, introdução, versão do latim e notas de W. de Sousa Medeiros, Coimbra, CECH-INIC.
- Textor, R. (1600), *Theatrum poeticum atque historicum: sive Officina Io Ravisii Textoris, post Conr. Lycothenis vigilias ad meliorem ordinem redactam dispositam & innumeris in locis correctis: cum Cornucopiae libello aucta ex Natalis Comitum mythologiae libris aliquot et Geofredi Linocerii Vivariensis mythologiae musarum libello...*, Basileae, Sumpt. Andreae Cellarii.

**MARIA DO ROSÁRIO LAUREANO SANTOS** • Assistant Professor at Departamento de Estudos Portugueses of FCSH-UNL. She graduated in Classical Philology, at Faculdade de Letras de Lisboa and obtained her PhD in Portuguese Literature of the 15<sup>th</sup> and 16<sup>th</sup> centuries at FCSH-UNL, with a Thesis on the Jorge Ferreira de Vasconcelos's comedy *Ulissipo*. She is researcher at Centro de História da Cultura (CHC-FCSH-UNL).

**E-MAIL** • [mrls@fcsh.unl.pt](mailto:mrls@fcsh.unl.pt)

